

JOHAN THEORIN

A HORA
DAS SOMBRAS

Tradução de Ulla Baginha

Para a família Gerlofsson de Öland

ÖLAND, SETEMBRO DE 1972

O muro, feito de pedras grandes e redondas cobertas de líquen branco acinzentado, era da mesma altura do rapaz. Ele apenas conseguiria ver para lá do muro se se pusesse nas pontas dos pés. Do outro lado, era tudo cinzento e enevoadado. Podia ser o fim do mundo, mas ele sabia que era exatamente o contrário – o mundo começava do outro lado do muro: esse mundo imenso, que se estendia para além do jardim dos seus avós. Durante todo o verão desejara descobri-lo.

Tentou por duas vezes subir o muro, e por duas vezes escorregou nas pedras rugosas, caindo de costas sobre a relva húmida.

Mas o rapaz não desistiu e, à terceira tentativa, foi bem-sucedido.

Respirou fundo e içou o corpo, agarrando-se às pedras frias para chegar ao topo do muro.

Era uma vitória para ele: dentro de pouco tempo completaria seis anos e, pela primeira vez na sua vida, saltara um muro. Ficou sentado durante algum tempo ali no alto, como um rei no seu trono.

O mundo do outro lado era imenso e sem limites, mas também cinzento e indistinto. O nevoeiro que nessa tarde se estendera pela ilha impedia-o de ver tudo o que havia para lá do jardim, mas ainda assim distinguia a relva amarelada de um pequeno prado. E um pouco mais além vislumbrou alguns arbustos baixos e retorcidos e pedras cobertas de musgo que sobressaíam da terra. O chão era tão plano como o do jardim atrás dele, mas do outro lado tudo parecia muito mais selvagem, desconhecido e tentador.

O rapaz apoiou o pé direito num pedregulho meio enterrado do outro lado do muro e deu um salto para o chão. Era a primeira vez que se encontrava sozinho fora do jardim, e ninguém sabia onde ele estava. A mãe tivera de se ausentar da ilha nesse dia; o avô fora para a praia havia pouco, e a avó dormia quando o rapaz calçou as sandálias e saiu de casa às escondidas.

Podia fazer o que quisesse; o que procurava era uma aventura.

Deixou de se segurar às pedras do muro e pulou sobre a relva silvestre; era escassa e fácil de atravessar. Deu mais uns passos e, pouco a pouco, o mundo à sua frente tornou-se mais nítido. Os arbustos atrás da relva tomaram forma e encaminhou-se para eles.

O chão macio abafava todos os sons; os passos soavam apenas como uma leve crepitação sobre a relva. Nem quando experimentou saltar com os pés juntos e bater com força no chão se ouvia mais do que um leve ruído surdo e, quando retirava os pés, a relva endireitava-se e as suas pegadas desapareciam rapidamente.

Avançou alguns metros dessa maneira: salto, baque, salto, baque.

Quando o rapaz saiu do prado e se meteu entre os arbustos deixou de saltar de pés juntos. Suspirou, inalou o ar fresco e olhou à sua volta.

Enquanto ia saltando, a neblina suspensa à sua frente aproximara-se sorrateiramente e agora envolvia-o por completo. O muro de pedra que fazia fronteira com o prado tornara-se indistinto no nevoeiro, e a casa castanho-escura desaparecera totalmente.

Por um breve momento o rapaz pensou em dar meia-volta, regressar através do prado e voltar a trepar o muro de pedra. Não tinha relógio nem tão-pouco sabia ver horas, mas agora o céu estava cor de chumbo, e o ar em redor arrefecera. Percebeu que o fim do dia se aproximava e que dali a pouco tempo seria de noite.

Queria apenas andar mais um pouco pelo terreno suave. Sabia onde estava; a casa onde a sua avó dormia encontrava-se logo atrás dele, embora já não a pudesse ver. Continuou em frente, queria tocar nessa parede de bruma visível mas inalcançável que, como por magia, se deslocava constantemente como se estivesse a brincar com ele.

O rapaz parou e susteve a respiração.

Tudo estava silencioso e nada se movia, mas de repente teve a sensação de não se encontrar sozinho.

Teria ouvido um barulho no nevoeiro?

Virou-se para trás. Já não se viam, nem o muro, nem o prado, atrás dele só havia relva e arbustos. À volta os arbustos permaneciam imóveis, e embora soubesse que não estavam vivos – não eram seres vivos como ele – não podia deixar de pensar em como eram grandes. Vultos silenciosos e negros rodeavam-no e talvez se aproximassem quando ele não os olhava.

Virou-se de novo e viu mais arbustos; arbustos e nevoeiro.

Agora já não sabia em que direção se encontrava a casa, mas o medo e a solidão obrigavam-no a seguir em frente. Apertou as mãos com força e correu pelo campo, desejoso de encontrar o muro de pedra e o jardim por trás dele, mas não viu mais nada senão relva e arbustos. No final nem isso via; o mundo ficara desfocado com as lágrimas.

O rapaz deteve-se, respirou fundo e as lágrimas deixaram de correr. Reparou em vários arbustos no meio do nevoeiro, um deles com dois troncos grossos – e o rapaz viu subitamente o arbusto a mover-se.

Era uma pessoa.

Um homem.

Surgiu do nevoeiro cinzento e estacou a alguns passos de distância. O homem alto e de ombros largos vestia roupa escura, e vira o rapaz. Permaneceu imóvel sobre a relva, calçava umas botas grossas e olhava-o de alto a baixo. Levava um gorro preto enfiado na cabeça e parecia velho, mas não tanto quanto o avô do rapaz.

O rapaz não se moveu. Não conhecia o homem, e havia que ter cuidado com os desconhecidos, conforme a mãe lhe dissera. Mas ao menos já não se encontrava sozinho entre o nevoeiro e os arbustos. Se o homem não fosse bom, poderia sempre virar-lhe as costas e correr dali para fora.

– Olá – disse o homem em voz baixa e com a respiração ofegante, como se tivesse caminhado muito no nevoeiro ou tivesse corrido muito depressa.

O rapaz não respondeu.

O homem virou rapidamente a cabeça e perscrutou em volta. Então voltou a olhar para o rapaz com ar sério e perguntou:

– Estás sozinho?

O rapaz assentiu em silêncio.

– Estás perdido?

– Acho que sim – disse o rapaz.

– Não te preocupes... Eu conheço bem a charneca. – O homem aproximou-se mais um passo. – Como te chamas?

– Jens – respondeu o rapaz.

– Jens quê?

– Jens Davidsson.

– Muito bem – afirmou o homem. Hesitou um pouco e acrescentou:

– Eu chamo-me Nils.

– Nils quê? – perguntou Jens.

Parecia um jogo. O homem soltou uma pequena risada.

– Chamo-me Nils Kant – disse, aproximando-se mais um passo.

Jens não saiu do lugar, mas deixara de olhar em volta. Relva e pedras e arbustos, era tudo o que havia no nevoeiro. E também Nils Kant, o homem desconhecido, que agora lhe sorria como se já fossem amigos.

O nevoeiro envolvia-os, não se ouvia nenhum som; nem sequer o chilrear dos pássaros.

– Não te preocupes – disse Nils Kant estendendo a mão.

Estavam agora muito próximos um do outro.

Jens pensou que Nils Kant tinha as maiores mãos que alguma vez vira e compreendeu que era tarde de mais para fugir dali.

I

Quando o seu pai, Gerlof, lhe telefonou na tarde de uma segunda-feira de outubro, o que não fazia há quase um ano, veio-lhe à cabeça a imagem de ossos arrastados pelo mar para a praia rochosa.

Ossos brancos como madre pérola, polidos pelas ondas, quase fosforescentes entre as pedras cinzentas à beira-mar.

Fragmentos de ossos.

Julia não sabia se estavam na praia, mas esperara mais de 20 anos para finalmente poder vê-los.

Nesse mesmo dia, Julia tivera uma longa conversa com a Segurança Social, que corraera tão mal como aliás tudo o resto nesse outono, nesse ano.

Como de costume, adiarda o telefonema o mais que pôde para não ter de ouvir os suspiros dos funcionários e, quando finalmente decidira fazer a chamada, uma máquina monótona pediu-lhe o número de identificação pessoal. Depois de ter digitado todos os números, passaram-na novamente para o labirinto da rede telefónica, que era a mesma coisa que ser transferida para o vazio. Teve de esperar de pé na cozinha, a olhar pela janela e a escutar o zumbido do auscultador, um zumbido quase inaudível, como uma corrente de água distante.

Se Julia sustivesse a respiração e apertasse o auscultador contra a orelha podia, por vezes, distinguir vozes de espíritos que ressoavam ao longe. Umhas vezes ouviam-se sussurrantes e apagadas, outras estridentes e desesperadas. Estava presa no mundo fantasma da rede telefónica, apanhada pelas vozes suplicantes que, às vezes, também ouvia no exaustor da

cozinha quando fumava um cigarro junto ao fogão. A tubagem da ventilação do prédio de apartamentos ressoava e murmurava – raramente conseguia distinguir uma palavra, mas mesmo assim escutava com atenção. Apenas uma vez ouvira a voz de uma mulher dizer alto e bom som: «Sim, está na hora.»

Estava de pé junto à janela da cozinha, escutava o zumbido e olhava para a rua. Lá fora estava ventoso e frio; as folhas amarelas outonais das bétulas libertavam-se do molhado alcatrão pegajoso e rodopiavam no ar. Ao longo do lancil do passeio havia um lodo cinzento-escuro de folhas pisadas pelos pneus de carros que nunca mais se levantariam do chão.

Pôs-se a imaginar alguém conhecido a passar por ali. Jens poderia dobrar a esquina ao fim da fila de prédios da rua, vestido de casaco e gravata como um verdadeiro advogado, o cabelo acabado de cortar e de pasta na mão. Passos largos, olhar levantado. Vê-la-ia à janela, deter-se-ia surpreendido no passeio, depois levantaria o braço, acenando e sorrindo para ela...

O zumbido desapareceu de repente, e uma voz impaciente encheu o auscultador:

– Segurança Social, fala a Inga.

Não era a funcionária nova que tratava do caso dela, pois essa chamava-se Magdalena. Ou seria Madeleine? Nunca se tinham encontrado.

Respirou fundo.

– Chamo-me Julia Davidsson, estou a telefonar para saber se...

– Diga-me o seu número de identificação pessoal.

– É... já tinha marcado os dígitos no telefone.

– Não me aparece no ecrã. Pode dar-me o número outra vez?

Julia repetiu os dígitos e houve um silêncio do outro lado do auscultador. Quase não ouvia o zumbido; teriam desligado de propósito?

– Julia Davidsson? – perguntou a funcionária, como se não tivesse ouvido o nome quando Julia se apresentara. – Em que posso ajudá-la?

– Queria prolongá-la.

– Prolongar o quê?

– A minha baixa médica.

– Onde trabalha?

– No hospital Östersjukhuset, na unidade de ortopedia – respondeu Julia. – Sou enfermeira.

Ainda o seria? Durante os últimos anos estivera tantas vezes de baixa que certamente ninguém sentia a sua falta na enfermaria. E ela própria não sentia falta alguma dos doentes, que se queixavam sem parar dos seus ridículos problemas insignificantes, sem terem qualquer noção sobre o que eram as verdadeiras desgraças.

– Tem atestado médico? – perguntou a funcionária.

– Tenho.

– Esteve hoje com o médico?

– Não, na quarta-feira. Com o psiquiatra.

– E porque não telefonou antes?

– Bom, não me tenho sentido bem desde então... – disse Julia e pensou: «E antes também não. Uma dor permanente de saudades no peito.»

– Devia ter-nos telefonado nesse mesmo dia...

Julia conseguiu perceber uma nítida inspiração, talvez um suspiro.

– Agora vou ter de entrar no computador e abrir uma exceção – continuou a funcionária. – Mas só desta vez.

– Muito obrigada – agradeceu Julia.

– Aguarde um momento...

Julia permaneceu junto à janela a olhar para a rua. Nada se movia.

Mas subitamente apareceu alguém a caminhar pelo passeio da comprida rua perpendicular; era um homem. Julia sentiu que uns dedos gelados lhe apertavam o coração, antes de se dar conta de que o homem era demasiado velho, calvo, rondava os 50 anos e vestia um fato-macaco com manchas de tinta branca.

– Está?

Viu o homem parar em frente a um prédio do outro lado da rua; marcou o código e a porta abriu-se. Depois entrou.

Não era Jens; era um homem qualquer de meia-idade.

– Está? Julia?

Era novamente a funcionária.

– Sim? Estou aqui.

– Tomei nota no computador que o seu atestado médico vem a caminho. Está bem?

– Certo. Eu... – Julia calou-se.

Voltou a olhar para a rua.

– Era mais alguma coisa?

– Acho que... – Julia apertou o auscultador com força. – Acho que vai estar frio amanhã.

– Ah, bom – disse a funcionária como se tudo estivesse em ordem.
– Mudou de conta ou ainda é a mesma?

Julia não respondeu. Tentou encontrar algo normal e quotidiano para dizer.

– Às vezes falo com o meu filho – acrescentou finalmente.

Houve um momento de silêncio, depois a voz da funcionária voltou:

– Está bem, mas como já lhe tinha dito tomei nota de...

Julia desligou.

Permaneceu de pé na cozinha, a olhar fixamente pela janela e a pensar que as folhas da rua formavam um desenho, uma mensagem que, por muito que a observasse, não entendia, e desejava intensamente que Jens voltasse da escola.

Não, tinha de vir do trabalho. Jens terminara a escola há muitos anos.
O que acabaste por ser, Jens? Bombeiro? Advogado? Professor?

Mais tarde nesse mesmo dia, Julia estava sentada na cama em frente à televisão, na pequena sala de estar do seu apartamento de uma assoalhada, a ver um documentário sobre serpentes. Depois mudou para um canal com um programa de culinária em que uma mulher e um homem fritavam carne. Quando acabou, entrou de novo na cozinha para ver se era preciso limpar o pó aos copos de vinho que estavam no armário. Sim, ao levantá-los contra a luz da cozinha viam-se pequenas partículas de pó branco na superfície; por isso pegou num copo atrás de outro e passou-lhes um pano. Julia tinha 24 copos de vinho que usava sequencialmente. Bebia dois copos de vinho tinto todas as noites, às vezes três.

À noite, quando estava deitada na cama junto à televisão, vestida com a única blusa lavada que lhe restava no armário, o telefone começou a tocar.

Ao primeiro sinal Julia pestanejou, mas não se moveu. Não, não queria saber; não era obrigada a atender.

O telefone voltou a tocar. Decidiu fingir que não estava em casa, teria saído para tratar de um assunto importante.

Conseguia olhar pela janela sem precisar de levantar a cabeça, embora apenas entrevisse os telhados das casas ao longo da rua, os postes

apagados e as copas das árvores que se erguiam por cima delas. O sol pusera-se do outro lado da cidade, e o céu escurecia lentamente.

O telefone tocou pela terceira vez.

Anoitecia. A hora das sombras.

O telefone tocou pela quarta vez.

Julia não se levantou para ir atender.

Tocou uma última vez e o silêncio impôs-se de novo. Lá fora, os postes de iluminação pública acenderam-se e a luz começou a espalhar-se sobre o alcatrão.

Tinha sido um dia bastante bom.

Não. Na realidade, não havia dias bons. No entanto, alguns passavam mais rápido do que outros.

Julia estava sempre sozinha.

Um filho teria ajudado. Michael achava que deveriam dar um irmão a Jens, mas Julia recusara-se; nunca se sentira suficientemente segura. E depois Michael desistira, claro.

Muitas vezes, quando Julia não atendia o telefone, recebia em recompensa uma mensagem gravada. Por isso, nessa noite, quando o telefone deixou de soar, saiu da cama e levantou o auscultador, mas não ouviu nada a não ser um zumbido.

Pousou o auscultador e abriu o armário por cima do frigorífico. Ali estava a garrafa do dia, uma garrafa de vinho tinto barato, como de costume.

Para dizer a verdade, era a segunda garrafa de vinho tinto do dia, pois ao almoço terminara com aquela que abrira na noite anterior.

A rolha emitiu um seco «plof» ao sair da garrafa. Serviu-se de um copo e bebeu-o rapidamente. Serviu-se de outro.

O calor do vinho espalhou-se pelo corpo, e agora, finalmente, pôde virar-se e olhar pela janela da cozinha. Já anoitecera por completo e os postes não iluminavam mais do que uns círculos no asfalto. Nada se movia debaixo da sua luz. Mas o que se esconderia entre as sombras? Não conseguia ver.

Novamente de costas para a janela, esvaziou o seu segundo copo. Já estava mais calma. Ficara tensa depois da conversa com a funcionária da Segurança Social, mas agora já se acalmara. Merecia um terceiro copo de

vinho, e esse poderia bebê-lo tranquilamente em frente à televisão. Poderia pôr um pouco de música, Satie talvez, tomar um comprimido e adormecer antes da meia-noite.

E então o telefone tocou novamente.

Ao terceiro sinal, sentou-se na cama com a cabeça baixa. Ao quinto sinal, levantou-se, e quando soou o sétimo já se encontrava na cozinha.

Antes de o telefone tocar pela nona vez, levantou o auscultador.

– Estou? – murmurou.

Não recebeu um zumbido em resposta, mas sim uma voz grave e bem distinta:

– Julia?

E ela soube imediatamente de quem se tratava.

– Gerlof? – perguntou em voz baixa.

Deixara de lhe chamar pai.

– Sim... sou eu.

Houve um silêncio novamente. Teve de apertar o auscultador contra a orelha para ouvir melhor.

– Acho... que sei mais um pouco sobre o que aconteceu.

– O quê? – Julia olhava fixamente a parede. – O que aconteceu?

– Bem, aquilo do... do Jens.

Julia não tirava os olhos da parede.

– Está morto?

Era como se andasse perdida com uma senha na mão. Um dia chamariam o seu número, e então aproximar-se-ia e receberia a informação. E Julia pensou em ossos brancos que o mar arrastara para a praia de Stenvik, apesar de Jens ter medo da água.

– Julia, ele tem de...

– Mas encontraram-no? – interrompeu ela.

– Não, mas...

Ela pestanejou.

– Porque estás a telefonar, então?

– Não o encontraram. Mas eu tenho...

– Nesse caso, não me telefones! – gritou ela e desligou.

Fechou os olhos e permaneceu junto ao telefone.

Uma senha com um número, um lugar na fila. Porém, este não era o dia certo; Julia não queria que este fosse o dia em que encontrassem Jens.

Sentou-se à mesa da cozinha e dirigiu o olhar para a escuridão da janela, a mente vazia de pensamentos, e de seguida olhou novamente para o telefone. Levantou-se, aproximou-se e esperou, mas o aparelho permaneceu silencioso.

Faço-o por ti, Jens.

Levantou o auscultador, olhou para o bilhete que há anos estava pendurado nos azulejos brancos por cima da caixa do pão e marcou o número.

O pai atendeu logo depois do primeiro sinal.

– Estou?

– Sou eu – disse ela.

– Sim, Julia.

A linha ficou em silêncio. Julia encheu-se de coragem.

– Não devia ter desligado.

– Bem...

– Não serve de nada.

– Pois não – concordou o pai. – Mas não tem importância.

– Como está o tempo em Öland?

– Cinzento e frio – disse Gerlof. – Hoje nem saí de casa.

Houve outro silêncio, e Julia respirou fundo.

– Porque telefonaste? – perguntou. – Deve ter acontecido alguma coisa.

Ele demorou algum tempo a responder.

– Bom... é que aconteceram certas coisas aqui – afirmou, e acrescentou: – Mas não sei de nada. Não mais que antes.

Não sabe mais do que eu, pensou Julia. Lamento muito, Jens.

– Pensei que havia alguma novidade.

– Tenho estado a pensar – explicou Gerlof. – E acho que podemos fazer alguma coisa.

– Fazer? Para quê?

– Porque a vida tem de continuar – respondeu Gerlof e apressou-se a continuar: – Não podes vir cá?

– Quando?

– Logo que possas. Acho que seria bom vires.

– Não posso sair daqui assim sem mais nem menos – retorquiu.

Por outro lado, não seria tão difícil quanto isso: estava de baixa médica. Continuou:

– Tens de me dizer alguma coisa... pelo menos diz-me do que se trata. Não podes fazer isso?

O pai permaneceu em silêncio.

– Recordas-te de como ia vestido naquele dia? – perguntou por fim.

Aquele dia.

– Recordo.

De manhã, ajudara Jens a vestir-se e depois lembrara-se de que levava roupa de verão, apesar de já estarem no outono.

– Vestia calções amarelos e uma camisola de algodão vermelha. Do Fantasma; tinha-a herdado do primo e tinha um daqueles estampados que se colam com o ferro de engomar, de plástico fino...

– Lembras-te dos sapatos que levava? – perguntou Gerlof.

– Sandálias – respondeu Julia. – Umhas sandálias de pele castanha com sola de borracha preta. Uma tira na parte da frente do pé direito tinha-se soltado, e várias do esquerdo também estavam quase a descoser-se... Acontecia sempre a mesma coisa no fim do verão. Mas aquela tira, eu tinha-a cosido...

– Com linha branca?

– Sim – disse Julia depressa. Depois repensou: – Sim, penso que era linha branca. Porquê?

Houve alguns momentos de silêncio. Depois Gerlof respondeu:

– Tenho uma velha sandália de pé direito em cima da minha secretária. Cosida com linha branca. Parece servir a um miúdo de cinco anos... Estou a olhar para ela agora.

Julia cambaleou e apoiou-se na bancada.

Gerlof disse mais algumas coisas, mas ela carregou com força no botão do descanso e tudo ficou novamente silencioso no auscultador.

A senha com o número – esta era a senha que recebera, e dentro em breve chamariam pelo seu nome.

Conseguiu acalmar-se. Dez minutos depois retirou a mão do descanso e voltou a marcar o número de Gerlof. Este atendeu ao primeiro sinal, como se esperasse o seu telefonema.

– Onde a encontraste? – perguntou ela. – Em que sítio, Gerlof?

– É complicado – respondeu. – Julia, tu sabes como... o quanto me custa andar. A cada dia que passa é mais difícil. E por isso gostaria que viesses.

– Não sei... – Julia fechou os olhos e apenas ouviu o zumbido no auscultador. – Não sei se sou capaz...

Via-se a si própria na praia, via-se a caminhar entre as pedras e a apalpar cuidadosamente todos os pequenos bocados de esqueleto que conseguia encontrar e a apertá-los com força contra o peito.

– Talvez.

– De que te lembras? – perguntou Gerlof.

– O quê?

– Desse dia, lembras-te de algo em particular? Gostaria que pensasses bem.

– Lembro-me que o Jens desapareceu... ele...

– Agora não estava a pensar no Jens – disse Gerlof. – De que mais te lembras?

– O que queres dizer? Não estou a perceber...

– Lembras-te do nevoeiro que cobria Stenvik?

Julia ficou em silêncio.

– Sim – disse por fim. – O nevoeiro...

– Pensa nele – pediu Gerlof. – Tenta lembrar-te do nevoeiro.

O nevoeiro... O nevoeiro fazia parte de todas as suas recordações de Öland.

Julia lembrou-se do nevoeiro. Não era habitual haver nevoeiro tão denso no norte de Öland, mas por vezes, no outono, o vento trazia-o do estreito. Frio e húmido.

Mas o que acontecera nesse dia no nevoeiro?

O que aconteceu, Jens?